

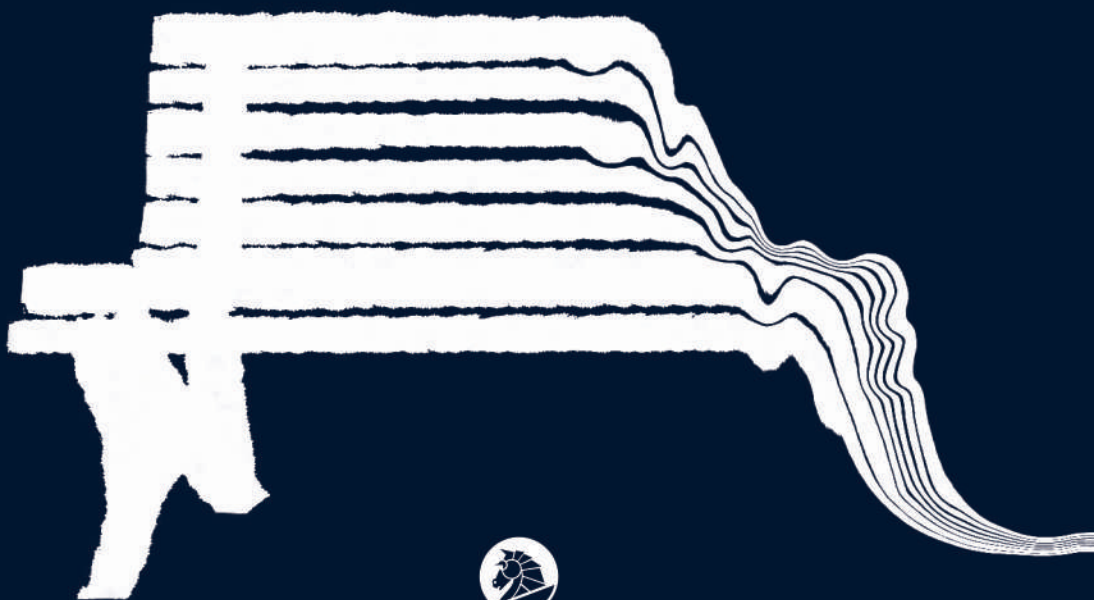
KNUT HAMSUN

Prémio Nobel de Literatura

fome

«Ler *Fome* nesta tradução é um absoluto privilégio.»

PÚBLICO



cavalo de ferro

PRIMEIRA PARTE

Era a época em que eu vagueava faminto por Kristiania¹, essa cidade curiosa de onde ninguém parte sem levar consigo uma marca indelével...

Encontrava-me deitado mas desperto, nas minhas águas-furtadas, e ouvi um relógio bater as seis horas no andar de baixo. Já havia claridade e as pessoas começavam a levantar-se e a descer as escadas. Junto da porta do meu quarto, no sítio onde a parede estava forrada com velhas edições do matutino *Morgenbladet*, podia ver com nitidez um aviso do director de bombeiros e, um pouco mais à esquerda, um letreiro engordurado e arqueado, anunciando pão fresco na padaria de Fabian Olsen.

Assim que abri os olhos, comecei a pensar se tinha alguma coisa que me alegrasse o dia, tal como era meu velho hábito. Ultimamente vivia com algumas dificuldades. Os meus pertences tinham sido enviados para o «Tio», um atrás de outro, eu tinha-me tornado nervoso e irritável e um par de vezes estivera até de cama o dia inteiro, com tonturas. De vez em quando, se a sorte me bafejava, lá conseguia arrecadar cinco coroas que um ou outro jornal me pagava por um artigo.

A claridade foi aumentando e eu entretive-me a ler os letreiros junto da porta. Até consegui distinguir as letras esguias e desdenhosas no letreiro da casa da menina Andersen: «Amortalham-se cadáveres, na porta à direita». Isto manteve-me ocupado durante longos instantes, ouvi o relógio lá em baixo bater as oito, até que me levantei e me vesti.

1 Actual cidade de Oslo, a grafia «Kristiania» esteve em vigor entre 1878 e 1924, a grafia inicial era «Christiania», em vigor entre 1624 e 1877. [N. T.]

Abri a janela e olhei para fora. De onde me encontrava tinha vista sobre um estendal de roupa e um campo aberto. Ao longe viam-se ainda as ruínas de uma oficina de ferreiro que ardera, onde alguns trabalhadores andavam em limpezas. Apoiei os cotovelos no parapeito da janela e perscrutei o ar. Tinha aspecto de vir a ser um dia bonito; chegara o Outono, a bela e fresca estação do ano em que tudo muda de cor e perece. Nas ruas já tinha começado o rumor, o que me convidava a sair. Este quarto vazio, cujo soalho abanava a cada um dos meus passos, era como um horrível caixão cheio de gretas. Não havia um fecho em condições na porta nem um fogão de sala. De noite, costumava deitar-me em cima das meias para que elas secassem um pouco até de manhã. O único divertimento que tinha era uma pequena cadeira de baloiço vermelha, onde me sentava a dormir ao serão, pensando em tudo e mais alguma coisa. Quando o vento soprava forte e as portas no andar de baixo estavam abertas, uma quantidade de sons estranhos e sibilantes penetrava através do soalho e subia pelas paredes, de maneira que os *Morgenbladet*, junto da porta, apareciam com rasgões compridos do tamanho de uma mão.

Endireitei-me e procurei numa trouxa no canto, perto da cama, algo que pudesse comer ao pequeno-almoço, mas não encontrei nada e voltei para junto da janela.

Sabe Deus, pensei, se alguma vez mais valeria a pena voltar a procurar emprego. Recusas, meias promessas, meros e secos «nãos», expectativas alimentadas e destruídas, novas tentativas, tudo acabara em nada e fizera com que eu tivesse perdido o ânimo. Por fim, requeri um lugar como cobrador de dívidas, mas cheguei demasiado tarde, além disso não teria podido arranjar cinquenta coroas, para depositar como fiança. Surgia sempre qualquer obstáculo. Também me candidatei à corporação de bombeiros. Estávamos cinquenta homens num átrio e enchíamos o peito para darmos a impressão de força física e valentia. Veio um funcionário fazer a inspecção a todos os candidatos: apalpou-lhes os braços e fez-lhes uma ou outra pergunta. Contudo, por mim limitou-se a passar, abanando a cabeça e disse que eu estava excluído por usar óculos. Voltei lá

sem óculos, profilei-me, franzi as sobrancelhas e dei aos olhos uma expressão acutilante, mas o homem voltou a passar por mim e sorriu; tinha-me reconhecido. O pior de tudo era que a minha roupa começava a ficar num estado tão lastimável que eu já não podia apresentar-me onde quer que fosse como pessoa decente.

De forma lenta e inexorável, ia enfraquecendo cada vez mais! Por fim, fiquei tão absurdamente pobre que já não tinha sequer um pente ou mesmo um livro para ler, quando a vida se enchia de tédio. Durante todo o Verão buscara retiro nos cemitérios ou no parque do castelo, onde me sentava a escrever artigos para os jornais, colunas e mais colunas sobre os assuntos mais diversificados. Invenções bizarras, caprichos, fantasias da minha mente inquieta. No meu desespero, escolhia a maior parte das vezes os temas mais remotos, que me exigiam esforços demorados e nunca eram aceites. Quando terminava um, começava imediatamente outro, mas não costumava ficar demasiado decepcionado com as recusas. Eu continuava a dizer a mim próprio que alguma vez haveria de conseguir. E, de facto, quando tinha sorte e conseguia, recebia cinco coroas por uma tarde de trabalho.

Voltei a levantar-me de junto da janela, fui até ao lavatório e salpiquei com um pouco de água os joelhos lustrados das minhas calças para os escurecer, para parecerem mais novos. Depois de fazer isto, meti papel e lápis no bolso, como era costume, e saí. Deslizei pelas escadas totalmente silencioso, para não chamar a atenção da minha senhoria. Tinham passado alguns dias do prazo em que expirara o arrendamento e eu já não tinha dinheiro para pagar.

Eram nove horas. O ar estava cheio do matraquear das carruagens e de vozes, um imenso coro matinal, misturado com os passos dos transeuntes e os estalidos dos chicotes dos cocheiros de aluguer. O tráfego ruidoso levantou-me imediatamente o ânimo e fui-me sentindo cada vez mais satisfeito. Nada me era mais estranho do que dar um simples passeio matinal ao ar livre – que tinham os meus pulmões a ver com o ar? Eu era forte como um gigante e conseguia parar uma carruagem só com um ombro. Sentia-me inundado

por uma disposição agradável e singular, por uma sensação da mais pura despreocupação. Fui observando as pessoas que se cruzavam comigo, li os anúncios nas paredes, impressionei-me com um olhar que me lançaram de um eléctrico que passou por mim, deixei-me impregnar pelas coisas mais insignificantes, por todas as pequenas casualidades que cruzavam o meu caminho e desapareciam.

Se ao menos pudesse meter na boca um pouco de comida num dia magnífico como este! As impressões desta alegre manhã dominaram-me, fiquei plena e indomavelmente satisfeito e comecei a cantarolar alegremente e sem motivo. Junto de um talho estava uma velhota com um cesto no braço, pensando decerto em salsichas para o almoço; quando passei por ela, olhou na minha direcção. Só tinha um dente incisivo na boca. Nervoso e susceptível como me tinha tornado nos últimos dias, a cara da velha causou-me logo uma sensação de repulsa. O dente comprido e amarelo mais parecia um pequeno dedo espetado do maxilar inferior e nos olhos dela, quando olhou para mim, reflectia-se ainda a imagem das salsichas. Perdi imediatamente o apetite e fiquei com náuseas. Ao chegar aos bazares, fui ao chafariz e bebi um pouco de água. Olhei para cima – eram dez horas na torre de Vor Frelser (Nosso Salvador).

Continuei a percorrer as ruas, vagueei sem me preocupar com o que quer que fosse, parei numa esquina sem necessidade, desviei caminho e meti por uma transversal, sem ter nada que ir lá fazer; deixei que tudo acontecesse, vagueei pela manhã alegre, bamboleei-me de um lado para o outro, com segurança, por entre outras pessoas felizes; o ar estava limpo e luminoso e na minha mente não havia a menor sombra.

Durante dez minutos, caminhara à minha frente um homenzinho coxo. Levava uma trouxa na mão e caminhava, a oscilar todo o corpo, usando todas as suas forças para conseguir avançar. Ouvia-o arquejar, com o esforço que fazia, e ocorreu-me que de facto podia ajudá-lo a carregar a trouxa, mas não tentei alcançá-lo. Lá em cima, junto à rua Grænsen, encontrei Hans Pauli, que me saudou e se apressou a seguir caminho. Porque estaria tão apressado? Eu não tinha intenção de lhe pedir uma coroa sequer e, além

disso, tinha pensado em devolver-lhe o cobertor que lhe havia pedido emprestado umas semanas antes. Assim que a minha situação melhorasse só um pouco, não ficaria a dever nada a ninguém, nem sequer um simples cobertor. Talvez comece hoje a escrever um artigo sobre os crimes do futuro ou sobre a liberdade de escolha, sobre qualquer coisa que se possa ler e em que ganhe umas dez coroas, pelo menos... E a ideia deste artigo fez-me sentir inundado do desejo de deitar mãos à obra e esvaziar todo o conteúdo do meu cérebro. Iria à procura de um lugar apropriado no parque do castelo e não descansaria enquanto não o tivesse terminado.

Mas o homenzinho aleijado continuava a caminhar à minha frente, fazendo os mesmos movimentos desengonçados. Por fim, começou a irritar-me o facto de ter aquele sujeito decrepito diante de mim aquele tempo todo. A caminhada dele parecia nunca mais querer acabar; talvez ele tivesse decidido ir exactamente para o mesmo lugar que eu e então iria tê-lo diante da vista ao longo de todo o caminho. Na minha excitação, pareceu-me que ele abrandava um pouco junto de cada transversal e como que esperava para ver que direcção eu tomava, depois do que voltava a agitar a trouxa no ar e prosseguia a marcha com todas as suas forças, para me levar a dianteira. Eu caminhava, observando aquela criatura lenta, desengonçada e indolente, e fui ficando cada vez mais exasperado com ele. Senti que o velho ia paulatinamente destruindo o meu bom humor e que escurecia com a sua fealdade aquela bela e clara manhã. Parecia um enorme insecto de rabo rastejante, que tentava bater-se à força por um lugar neste mundo e por ter todo o passeio só para si. Quando chegámos ao cimo da ladeira, eu já não podia mais, parei e virei-me para a montra de uma loja, para lhe dar tempo de desaparecer. Passados alguns minutos, quando voltei a pôr-me em marcha, lá estava de novo o homem à minha frente; também ele tinha parado. Sem pensar, avancei três ou quatro passos furiosos, alcancei o velho e bati-lhe no ombro.

Ele parou de viés e começámos a olhar fixamente um para o outro.

— Dê-me uma moedinha p'ró leite! — disse ele por fim, inclinando a cabeça.

Vejam só, agora tinha arranjado a bonita! Apalpei os bolsos e disse:

– Para o leite, não é? Hum!... Por estes tempos, estamos mal de dinheiro e eu não sei se a sua necessidade é assim tão premente.

– Não como desde ontem, em Drammen – disse o homem. – Não tenho nem um centavo e ainda não arranjei trabalho.

– É artífice?

– Sim, sou cerzideiro.

– É o quê?

– Cerzideiro. A propósito, também coso sapatos.

– Isso muda as coisas – disse eu. – Espere aqui uns minutos que eu vou arranjar-lhe um pouco de dinheiro, alguns cobres.

Apressei-me a descer até Pilestrædet, onde conhecia uma loja de penhores que ficava num segundo andar, se bem que nunca lá tivesse estado. Ao atravessar a porta da rua, tirei rapidamente o colete, enrolei-o, meti-o debaixo do braço, subi as escadas e bati à porta da loja. Fiz uma reverência e atirei o colete para cima do balcão.

– Uma e cinquenta – disse o homem.

– Sim, sim, obrigado – respondi. – Se não fosse ter começado a ficar-me apertado, não me desfaria dele.

Recebi as moedas e a nota e tratei de regressar. Esta ideia do colete fora genial; até me sobejaria dinheiro para tomar um pequeno-almoço a sério e, com isto, o meu artigo sobre os crimes do futuro estaria pronto antes do cair da noite. Comecei logo a olhar a vida com olhos mais optimistas e apressei-me a ir ter com o homenzinho, a fim de me livrar dele.

– Tome lá! – disse-lhe eu. – Alegra-me que se tenha dirigido a mim em primeiro lugar.

O homem aceitou o dinheiro e começou a medir-me de alto a baixo. Porque estava ele a olhar? Tive a impressão de que examinava em particular os joelhos das minhas calças e o descaramento dele irritou-me. O grosseirão julgaria realmente que eu era tão pobre como aparentava? Não tinha eu praticamente começado a escrever um artigo que valia umas dez coroas, pelo menos? Não

temia o futuro em geral, pois tinha muitas coisas entre mãos. Que podia interessar a uma pessoa grosseira e desconhecida o facto de eu lhe dar algumas moedinhas num dia lindo como aquele? Os olhares do homem irritaram-me e decidi dar-lhe uma boa lição antes de me ir embora. Encolhi os ombros e disse:

– Meu bom homem, você adquiriu o péssimo hábito de olhar para os joelhos das pessoas quando lhe dão uma coroa.

Ele inclinou a cabeça para trás, apoiou-a contra o muro e escancarou a boca. Algo trabalhava por detrás da sua fronte de mendigo, devia pensar que eu o estaria a enganar de alguma maneira e devolveu-me o dinheiro.

Bati o pé na calçada e resmunguei para que ficasse com ele. Imaginaria ele que eu me dera a todo aquele trabalho para nada? Afinal de contas, talvez eu lhe devesse aquela coroa; eu não era pessoa para esquecer uma antiga dívida, ele estava diante de uma pessoa honrada, honesta até à medula. Resumindo, o dinheiro pertencia-lhe... Oh! Não, nada havia que agradecer, era para mim um prazer. Adeus.

Fui-me embora. Por fim, desaparecera-me do caminho aquela praga, quebrada pela dor, e eu podia seguir tranquilo. Voltei a descer a Pilestrædet e parei diante de uma mercearia. A montra estava repleta de comida e decidi entrar e comprar um pouco para o caminho.

– Um bocado de queijo e um pão francês! – pedi, largando sobre o balcão os meus cinquenta cêntimos.

– Só queijo e pão por todo este dinheiro? – perguntou a mulher ironicamente, sem olhar para mim.

– Sim, no valor de cinquenta cêntimos – respondi, desembaraçado.

Recebi as minhas coisas, despedi-me da mulherzinha gorda com um bom-dia extremamente cortês e pus-me a caminho, pela calçada do castelo acima, em direcção ao parque. Procurei um banco vazio e comecei a roer a minha merenda com sofreguidão. Fez-me bem, há muito que não saboreava uma refeição tão farta de comida e, passado um momento, senti dentro de mim a mesma tranquilidade e satisfação que se sente após um choro prolongado.

O meu ânimo depressa se levantou; já não me bastava escrever um artigo sobre algo tão simples e prosaico como os crimes do futuro, que, aliás, qualquer pessoa podia prever facilmente ou até ler nos livros de História. Tinha ganas de um esforço maior do que esse, estava a fim de vencer dificuldades e decidi-me por uma tese em três partes sobre o conhecimento filosófico. Naturalmente, teria oportunidade de chumbar alguns dos mesquinhos sofismas de Kant... Quando ia para tirar os meus utensílios de escrita e começar o trabalho, descobri que já não tinha o lápis comigo. Tinha-o esquecido na loja de penhores; o lápis estava no bolso do colete.

– Meu Deus! Mas porque é que tudo me há-de correr ao contrário?

Vociferei algumas vezes, levantei-me do banco e andei de um lado para o outro, ao longo da alameda. Em redor, o silêncio era enorme. Ao longe, perto do pavilhão de diversões da rainha, andavam algumas jovens amas passeando os seus carrinhos de bebé, mas além delas não se via qualquer outra pessoa. Eu estava deveras amargo e andava furioso de um lado para o outro, diante do meu banco. Estranhamente, tudo me corria mal de todos os modos possíveis! Um artigo em três partes iria fracassar pela simples e ridícula razão de eu não ter no bolso um mísero lápis! E se voltasse a Pilestrædet para reaver o meu lápis? Mesmo assim, teria ainda tempo suficiente para escrever uma boa parte, antes que os flanadores habituais começassem a invadir o parque. Também havia muita coisa dependente desta tese sobre o conhecimento filosófico, talvez a felicidade de diversas pessoas, ninguém podia dizer ao certo. Disse para mim próprio que talvez o artigo viesse a ser de grande utilidade para muitos jovens. Após reflexão mais profunda, já não queria meter-me a falar sobre Kant, bem podia evitá-lo, apenas necessitava de fazer um desvio subtil, quando chegasse à questão de «tempo e espaço». Mas por Renan não tencionava eu responder, o velho pároco Renan... De qualquer modo, tratava-se de conseguir produzir um artigo de tantas e tantas colunas. O arrendamento por pagar e os olhares carrancudos da senhoria, pela manhã, quando me cruzava com ela na escada, atormentavam-me o dia inteiro e

assaltavam-me até nos meus melhores momentos, quando eu não alimentava outros pensamentos negros. Tenho mesmo de acabar isto! Apressei-me a sair do parque e a ir buscar o lápis à casa de penhores. Quando descia a calçada do palácio, alcancei duas senhoras, que ultrapassei. Ao passar por elas, rocei na manga de uma delas. Levantei os olhos e vi um rosto redondo e ligeiramente pálido. Ela ruborizou-se de repente e adquiriu uma beleza inexplicavelmente singular, talvez por alguma palavra que ouvisse a alguém que passou, talvez por um mero pensamento secreto seu. Ou terá sido por eu lhe ter roçado no braço? O seu seio volumoso oscilou bruscamente algumas vezes e a mão dela apertou com força o cabo do chapéu-de-sol. Que se passava com ela?

Parei e esperei que ela passasse de novo à minha frente; naquele momento, eu não podia simplesmente prosseguir caminho, tudo me parecia muito esquisito. Tinha um humor irritável, estava furioso comigo mesmo, pelo sucedido com o lápis, e fortemente excitado com toda a comida com que empanturrara o meu estômago em jejum. Subitamente, num impulso caprichoso, os meus pensamentos tomaram uma direcção maliciosa. Senti uma vontade inexplicável de assustar aquela mulher, de a seguir e de lhe fazer mal de qualquer modo. Consegui alcançá-la de novo e ultrapassei-a, virei-me de repente e encarei-a de frente, para a estudar. Fiquei parado a olhá-la nos olhos e, nesse instante, inventei um nome que nunca tinha ouvido antes, um nome com uma sonoridade deslizante e nervosa: Ylajali. Como ela estava bastante perto de mim, estiquei-me e disse fogosamente:

– Deixou cair o seu livro, menina.

Pude ouvir os batimentos sonoros do meu coração, ao dizer isto.

– O meu livro? – perguntou ela à sua acompanhante, continuando a andar.

A minha malícia cresceu e fui atrás daquela mulher.

Naquele momento, eu estava totalmente consciente de estar cometendo loucuras, mas não podia fazer nada contra isso. O meu estado de confusão geral empurrou-me à desfilada, impondo-me as fantasias mais tresloucadas, às quais obedeci literalmente.

Por mais que repetisse para mim próprio quão enorme era a idiotice do meu comportamento, isso não me ajudava; continuei a fazer caretas patéticas nas costas da mulher e a tossir de raiva algumas vezes, quando passei por ela de novo. E deste modo, enquanto avançava muito devagar, sempre a uns escassos passos de dianteira, sentia o olhar dela cravado nas minhas costas e, involuntariamente, encolhi-me de vergonha por tê-la atormentado. Pouco depois tive a sensação esquisita de estar longe dali, num sítio totalmente diferente; tive uma sensação meio indefinida de não ser eu quem caminhava encolhido por aquelas pedras da calçada.

Alguns minutos mais tarde, a mulher chegou à Livraria Pascha, eu já tinha parado junto da primeira montra e, justamente quando ela passou por mim, dei um passo em frente e repeti:

– Deixou cair o seu livro, menina.

– Mas afinal, que livro? – respondeu ela ansiosamente, e para a amiga: – Entendes a que livro ele se refere?

Parou. Absorvi sofregamente a confusão dela, a desorientação dos seus olhos arrebatou-me. O pensamento dela não conseguia atingir o alcance da minha abordagem insignificante e desesperada. Ela não trazia qualquer livro consigo, nem sequer uma simples folha de livro, mas procurava nos bolsos, olhava para as mãos repetidas vezes, voltava a cabeça e examinava a rua por onde passara, esforçava até ao limite o seu cerebrozinho sensível, para descobrir a que livro eu me referia. O seu rosto foi mudando de cor e de expressão e respirava com grande ruído. Até os botões do vestido pareciam olhar-me fixamente, como uma fieira de olhos esbugalhados.

– Não lhe dêis ouvidos – disse-lhe a amiga, puxando-a pelo braço. – Ele está embriagado! Não vêes que o sujeito está embriagado?

Por mais estranho que eu fosse a mim próprio naquele momento, qual presa total de influências invisíveis, nada se passava à minha volta de que eu não me apercebesse. Um enorme cão castanho, com uma coleira estreita de alpaca, atravessou a rua a correr, em direcção ao Jardim dos Estudantes e ao Tivoli. Na rua, um pouco mais acima, abriu-se uma janela de um segundo andar e

uma rapariga, com as mangas arregaçadas, debruçou-se e começou a limpar os vidros do lado de fora. Nada escapava à minha atenção, eu estava lúcido e na posse total das minhas faculdades sensoriais, tudo vinha ao meu encontro com uma nitidez brilhante, como se uma luz forte se tivesse acendido à minha volta. As duas mulheres à minha frente tinham cada uma a sua asa de pássaro azul no chapéu e uma fita de cetim escocês à volta do pescoço. Ocorreu-me que poderiam ser irmãs.

Entretanto, desviaram caminho e pararam junto da loja de música Cisler a conversar. Eu também parei. Depois regressaram ambas pelo mesmo caminho que tinham percorrido, passaram novamente por mim, viraram a esquina da Universitetsgaten e dirigiram-se directamente à Praça de St. Olav. Fui-lhes no encalço durante todo o tempo, tão próximo delas quanto me atrevia. Elas viraram-se uma vez e lançaram-me olhares meio assustados meio curiosos, mas não vislumbrei qualquer indignação nos seus rostos, nem vi sobrancelhas franzidas. A indulgência que mostraram para com a minha perseguição fez-me baixar os olhos de vergonha. Já não me apetecia irritá-las, queria pura e simplesmente poder segui-las com o olhar por gratidão, não queria perdê-las de vista até que entrassem em algum lugar e desaparecessem.

À porta do número 2, um grande edifício de quatro andares, viraram-se uma vez mais para trás e entraram. Eu encostei-me ao poste de um candeeiro, junto do fontanário, e fiquei à escuta dos passos delas na escada. Deixaram de se ouvir no segundo andar. Afastei-me do candeeiro e observei a casa. Então aconteceu algo curioso. Lá em cima, os cortinados mexeram-se, no instante seguinte abriu-se uma janela, uma cabeça assomou e dois olhos estranhamente semicerrados pousaram sobre mim.

– Ylajali! – disse em voz meio alta, sentindo-me corar. Porque não gritou ela por socorro? Porque não atirou um dos vasos de flores, de modo a acertar-me na cabeça, ou não mandou alguém cá abaixo para me afugentar dali? Ficámos imóveis, a olhar-nos nos olhos, talvez durante um minuto. Esvoaçaram pensamentos entre a janela e a rua, sem que fosse dita qualquer palavra. Ela voltou-se

e eu estremeci, fui percorrido por um ligeiro choque. Vi um ombro a virar-se, umas costas a desaparecerem no interior. Aquela retirada vagarosa da janela e o movimento marcado pelo ombro eram para mim como que um sinal. O meu sangue percebeu aquela saudação subtil e, naquele mesmo instante, senti uma alegria vertiginosa. Depois virei costas e desci a rua.

Não ousei olhar para trás e não fiquei a saber se ela tinha voltado para a janela. À medida que ponderava nisto, fui ficando cada vez mais inquieto e nervoso. Provavelmente, ela estaria nesse momento a seguir com exactidão todos os meus movimentos e eu achava totalmente insuportável o saber-me observado pelas costas dessa maneira. Relaxei o mais que pude e continuei a andar. Comecei a sentir as pernas a tremer e os meus passos tornaram-se inseguros e vacilantes pelo grande esforço que fazia por mantê-los direitos. Para parecer calmo e indiferente, baloicei os braços de maneira disparatada, cuspi para o chão e levantei o nariz para o ar, mas nada me ajudou. Continuei a sentir-me perseguido por aquele olhar cravado na minha nuca e tive arrepios por todo o corpo. Por fim, libertei-me daquilo, metendo por uma transversal, de onde tracei caminho para Pilestrædet, para ir buscar o meu lápis. Não tive quaisquer problemas em reavê-lo. O próprio penhorista deu-me o colete e disse-me imediatamente que procurasse em todos os bolsos. Acabei por encontrar outros recibos de penhores que também tinha nos bolsos e agradei ao bom homem pela sua amabilidade. A atitude dele foi despertando o meu agrado e, naquele momento, senti um enorme interesse em causar boa impressão àquele indivíduo. Fui até à porta, dei uma volta e regressei ao balcão, como se tivesse esquecido qualquer coisa. Achei que lhe devia uma explicação, um esclarecimento, e comecei a cantarolar baixinho para lhe chamar a atenção. Depois peguei no lápis e levantei-o no ar.

— Não me passaria pela cabeça — disse eu — fazer uma caminhada tão longa como esta por um lápis qualquer, mas por este é diferente, existe uma razão especial. Apesar de parecer insignificante, este pedaço de lápis fez de mim aquilo que sou neste mundo, contribuiu, por assim dizer, para o lugar que tenho na vida...

Não disse mais nada. O homem veio até ao balcão.

– Ah, sim? – disse ele, olhando-me com curiosidade.

– Com este lápis – continuei impavidamente – escrevi a minha tese sobre o conhecimento filosófico em três tomos. Ouviu falar dela?

E o homem achou que devia ter ouvido o nome, o título.

– Sim – corroborei –, fui eu o autor! Por isso, não fique admirado por eu querer reaver este pequeno pedaço de lápis, que tem para mim um valor demasiado grande. Para mim, é quase como se fosse uma pessoa. E a propósito, estou-lhe sinceramente grato pela sua boa vontade e lembrar-me-ei de si por isso mesmo, sim, sim, de verdade que o recordarei por isso. Palavra é palavra, eu sou assim e, aliás, o senhor merece-o. Adeus.

Dirigi-me para a saída com tal porte como se estivesse em posição de poder colocar alguém num alto posto. O simpático penhorista fez-me duas vénias, enquanto eu me afastava. Virei-me para trás uma vez mais e disse-lhe adeus.

Na escada, encontrei uma mulher que levava na mão um saco de viagem. Ela desviou-se ansiosamente para o lado, a fim de me dar espaço, e eu procurei instintivamente no bolso qualquer coisinha para lhe dar. Como não encontrei nada, fiquei embaraçado e passei por ela cabisbaixo. Logo a seguir ouvi-a também bater à porta da casa de penhores. Na porta havia uma grade de aço e eu reconheci imediatamente o som metálico provocado pelos nós dos dedos.

O Sol estava a sul, era cerca do meio-dia. A cidade tinha começado a girar em pleno, a hora do passeio aproximava-se e ao longo da avenida Karl Johan ondeavam, acima e abaixo, massas de pessoas que se saudavam e sorriam. Apertei os cotovelos contra o corpo, para me fazer pequeno e esguio, e assim passei despercebido por alguns conhecidos que tinham ocupado uma esquina da universidade para observarem quem passava. Deambulei pela calçada do palácio acima, mergulhado em pensamentos.

Como baloiçavam descuidada e alegremente as suas cabeças louras, aquelas pessoas com quem me cruzava, como deslizavam

através da vida qual salão de baile! Não havia sinais de tristeza em nenhum dos olhos que vi, não havia fardos sobre os ombros de ninguém, talvez nem um só pensamento negro, ou uma pequena agrura escondida naquelas mentes felizes. E eu, que caminhava mesmo ao lado daquelas pessoas, jovem e recém-saído da casa paterna, já tinha esquecido o que era a alegria! Acarinhava este pensamento e achei que era cruelmente injusto tudo aquilo que me estava a acontecer. Porque tinham os últimos meses sido tão estranhamente duros para mim? A minha mente, aliás tão optimista, estava irreconhecível e eu sofria constantemente os tormentos mais inusitados. Não podia sentar-me sozinho num banco ou, em geral, pôr o pé em algum lugar sem ser importunado por pequenas casualidades absurdas, por bagatelas ridículas, que invadiam as minhas ideias e dispersavam as minhas forças aos sete ventos. Um cão que ao passar roçasse em mim ou uma rosa amarela numa qualquer lapela era suficiente para agitar os meus pensamentos e prender demoradamente a minha atenção. Que se passava comigo? Teria eu o dedo do Senhor apontado para mim? Mas porquê exactamente para mim? Porque não para uma qualquer pessoa na América do Sul, por exemplo? À medida que ponderava sobre o assunto, parecia-me cada vez mais incompreensível que me tocasse justamente a mim estar destinado a ser cobaia dos caprichos misericordiosos de Deus. Era um modo de proceder bastante estranho, este de passar por cima do mundo inteiro para me escolher precisamente a mim. Quando aqui havia outros, como o alfarabista Pascha ou o despachante naval Hennechen.

Eu ia debatendo comigo mesmo este assunto e não conseguia livrar-me dele, encontrava as objecções mais fortes contra o livre-arbítrio do Senhor por me fazer expiar a culpa de todos. Mesmo depois de ter encontrado um banco só para mim, onde me sentei, continuei a remoer sobre esta questão, o que me impedia de pensar noutras coisas. Desde aquele dia, em Maio, em que tinham começado as minhas adversidades, eu vinha sentindo nitidamente uma fraqueza crescente; tinha vindo a ficar demasiado abatido para me dominar e me dirigir para onde queria. No meu íntimo tinha-se alojado um enxame

de insectos nocivos que me iam carcomendo. Imagine-se que Deus tinha em mente acabar comigo, pura e simplesmente! Levantei-me e cirkandei de um lado para o outro, diante do banco.

Naquele momento, todo o meu ser estava exposto aos tormentos da pior espécie. Tinha até dores físicas nos braços e mal suportava mantê-los na posição habitual. Também sentia uma forte indisposição, subseqüente à minha recente e pesada refeição; estava empanturrado e excitado e andava de um lado para o outro, sem levantar os olhos. À minha volta, as pessoas que iam e vinham deslizavam como sombras. Por fim, o meu banco foi ocupado por um par de cavalheiros, que acenderam os seus charutos e falavam em voz alta. Eu enfureci-me e quis dizer-lhes algo, mas limitei-me a virar costas e a ir para o lado oposto do parque, onde encontrei um outro banco. Sentei-me.

O pensamento em Deus começou a ocupar-me a cabeça novamente. Achava imperdoável que Ele se metesse de permeio e deitasse tudo a perder de cada vez que eu procurava um novo emprego, quando a única coisa que eu pedia era comida para cada dia.

Eu tinha reparado nitidamente que, quando passava fome durante um período um pouco mais longo, era como se o cérebro lentamente me escorresse para fora da cabeça, deixando-me vazio. A cabeça tornava-se-me leve e ausente, eu não sentia o seu peso nos ombros e tinha a sensação de que os meus olhos se fixavam um pouco esbugalhados quando olhava para alguém.

Permaneci sentado no banco, pensando em tudo isto, e fui ficando cada vez mais zangado com Deus pelas Suas repetidas perseguições. Se Ele julgava que me puxava para mais perto de Si e fazia de mim uma pessoa melhor, por me torturar e por colocar obstáculo atrás de obstáculo no meu caminho, estava enganado e isso eu podia garantir-Lhe. Levantei os olhos para o céu e quase comecei a chorar em desafio ao dizer-Lho, de uma vez por todas.

Pela memória passaram-me retalhos da infância e do tempo de escola, um acorde bíblico soou nos meus ouvidos e disse silenciosamente para mim mesmo, inclinando a cabeça com sarcasmo: Porque me preocupava com o que havia de comer, com o que havia

de beber e com o que havia de meter neste ninho de vermes a que chamavam o meu corpo terreno? Não tinha o Pai do Céu cuidado de mim, tal como das avezinhas, não me havia Ele concedido a graça de apontar para este Seu pobre servo? Deus tinha enterrado o Seu divino dedo nos meus nervos e muito meticulosa e fugazmente introduzido um pouco de desordem entre os fios. Depois Deus tinha retirado o Seu dedo, e nele tinham ficado fibras e finas raízes dos meus nervos. E tinha ficado um orifício aberto pelo dedo, que era o divino dedo de Deus, e feridas no meu cérebro abertas pelos dedos Dele. Mas após ter-me tocado com os dedos da Sua mão, Deus deixou-me ficar e não voltou a tocar-me, nem deixou que algo de mal me acontecesse. Deixou-me ir em paz e com as feridas abertas. Nada de mal me foi feito por Deus, que é Nosso Senhor *per secula seculorum*...

O vento trouxe até mim abanões de música, vindos do Jardim dos Estudantes, passava, portanto, das duas horas da tarde. Peguei nos meus utensílios de escrita para tentar fazer qualquer coisa; nessa altura, caiu-me do bolso o caderno de cupões da barbearia. Apanhei-o e contei as folhas, restavam seis cupões. Graças a Deus!, disse involuntariamente. Ainda podia ir fazer a barba durante algumas semanas e manter uma aparência decente! Fiquei imediatamente mais bem-disposto por causa daquele modesto pertence que ainda conservava. Alisei cautelosamente os cupões e voltei a guardar o caderno no bolso.

Mas escrever não conseguia. Após um par de linhas, nada mais me ocorreu. Os meus pensamentos erravam já por outras bandas e eu não conseguia dar o arranque nem esforçar-me com mais firmeza. Tudo me distraía e influenciava, tudo o que via me causava novas impressões. Moscas e outros pequenos insectos pousavam no papel e incomodavam-me. Eu soprava para os fazer desaparecer, soprava com mais e mais força, mas em vão. Os bichinhos comprimiam-se, faziam-se pesados e resistiam, de tal forma que as suas patas finas se arqueavam. Não era possível fazê-los mexer dali. Encontravam alguma coisa a que segurar-se, faziam finca-pé contra uma virgula ou contra alguma irregularidade do papel e permaneciam imperturbavelmente quietos até lhes apetecer ir-se embora.

Os bichinhos continuaram a ocupar-me durante uns momentos; cruzei as pernas e dei-me tempo para os observar. De repente, fui atingido por um ou dois toques sonoros de clarinete, vindos do jardim, que deram ao meu pensamento um novo empurrão. Mal-humorado por não conseguir escrever o meu artigo, voltei a guardar os papéis no bolso e recostei-me no banco. Então, a minha cabeça ficou subitamente muito lúcida e capaz de construir as ideias mais belas sem se cansar. Enquanto permaneci ali naquela posição e deixei o olhar vaguear ao longo do peito e das pernas, apercebi-me de um movimento agitado do meu pé, seguindo o compasso de cada pulsação. Soergui-me e olhei para os pés; nesse momento, experimentei um estado de espírito fantástico e totalmente singular, que nunca antes havia sentido. Através dos meus nervos passou um tremor maravilhoso, como se uma trémula luz fria os percorresse. Olhar para os meus sapatos gastos foi como encontrar um velho conhecido ou como reaver uma parte destacada de mim. Uma sensação de reconhecimento estremeceu nos meus sentidos, subiram-me lágrimas aos olhos e percepcionei os meus sapatos como um som lento e sussurrante que subia ao meu encontro. Fraqueza!, disse para mim, com dureza, cerrando os punhos e repetindo: Fraqueza! Zombei de mim pelas minhas ridículas sensações, trocei de mim com perfeita consciência, falei muito severa e assisadamente e cerrei os olhos com força, para reter as lágrimas. Como se nunca tivesse visto antes os meus sapatos, comecei a estudar o seu aspecto, a sua mímica quando mexia os pés, a sua forma e o couro desgastado, e descobri que as suas rugas e as costuras desbotadas lhes davam expressão, lhes davam uma fisionomia. Algo de mim mesmo tinha passado para aqueles sapatos. Era como se eles fossem um bafo em direcção ao meu eu, uma parte arquejante de mim próprio...

Continuei sentado, fabulando com estas sensações durante um bom bocado, talvez uma hora inteira. Chegou um sujeito pequeno, um velhote, e sentou-se na outra extremidade do «meu» banco. Ao sentar-se, olhou para o caminho e arfou ruidosamente, dizendo:

— Sim, sim, pois, sim, sim, pois, sim, sim, sim, pois, exactamente!

Ao ouvir a voz dele, foi como se uma rajada de vento me tivesse varrido a cabeça por dentro; deixei os sapatos nos pés e pareceu-me que o confuso estado anímico que recentemente experimentara já pertencia a um passado remoto, talvez de há um ou dois anos, e que dentro de pouco viria a ser apagado da minha memória. Comecei a olhar para o velho.

Que tinha aquele homenzinho a ver comigo? Absolutamente nada! Um simples pormenor era que ele segurava na mão um velho jornal com a página dos anúncios virada para fora, no qual parecia ter alguma coisa embrulhada. Fiquei cheio de curiosidade e não podia tirar os olhos daquele jornal. Tive a ideia louca de que poderia tratar-se de um jornal muito especial, algo absolutamente único; a minha curiosidade foi aumentando e comecei a mexer o traseiro no banco para trás e para a frente. Podiam ser documentos, relatórios perigosos, roubados de algum arquivo. E algo me dizia vagamente que podia constituir um tratado secreto ou até uma conspiração.

O homem permanecia sentado, silencioso e meditabundo. Porque não segurava ele o jornal como as outras pessoas seguram um jornal, com a primeira página para fora? Que segredos eram aqueles? Ele parecia não querer largar o «seu» embrulho por nada deste mundo, talvez nem sequer se atrevesse a confiá-lo à sua própria algibeira. Eu quase que apostava a minha cabeça em como aquele embrulho continha algo de suspeito.

Olhei para o ar. Justamente porque se me tornava totalmente impossível penetrar naquele assunto tão misterioso, senti tonturas de curiosidade. Procurei nos bolsos alguma coisa para dar ao homem, a fim de entabular conversa com ele, e peguei no meu caderno de cupões da barbearia, mas voltei a encafuá-lo no seu esconderijo. De repente, assaltou-me o desejo de ser atrevido, tacitei o bolso do peito, vazio, e disse:

– Posso convidá-lo para um cigarro?

O homem disse obrigado mas que não fumava, que tinha sido forçado a deixar de fumar por causa dos seus olhos sensíveis, pois era quase cego. Mas agradecia muito, no entanto!

Os delírios solitários e as tortuosas reflexões de um jovem escritor, errando através das ruas da cidade de Kristiania, a actual Oslo, acompanhado pela sua inexorável antagonista, a fome.

Um romance marcante, considerado o início da grande literatura do século xx, que antecipou e influenciou a obra de nomes como Franz Kafka, Albert Camus ou John Fante.

«Ah! Depois de ler este livro, como toda a nossa literatura me parece agora *razoável*. Diante de *Fome* somos levados a pensar que, em dois séculos de literatura, nada foi ainda dito, pelo contrário, que falta ainda descobrir o Homem.»

ANDRÉ GIDE, Prémio Nobel de Literatura

«*Fome* é uma obra-prima do Naturalismo visionário.»

CLAUDIO MAGRIS

«Um dos pináculos da literatura moderna em prosa.»

GEORGE STEINER

«Hamsun é o maior escritor de todos os tempos.»

THOMAS MANN, Prémio Nobel de Literatura

ISBN 978-989-564-273-1
9 789895 642731



cavalo de ferro